

Tempo e interpretação

João Vitor Haeberle Jaeger¹

“No fundo de seus olhos adoráveis, vejo sempre a hora distintamente, sempre a mesma, uma hora vasta, solene, grande como o espaço, sem divisões de minutos ou de segundos – uma hora imóvel que não é marcada pelos relógios...”

(Gaston Bachelard)

1 PRÓLOGO

Recebo o leitor como quem recebe um convidado em seus aposentos. Talvez não concorde com o arranjo do mobiliário. Mas me preocupo em oferecer uma experiência confortável. Entre, seja bem-vindo e fique à vontade. Café? Combina com o escuro da noite. Pois, notarás, conforme pincelas o olhar pelas paredes, uma que se destaca pelo número de relógios parados ali dispostos. Para cada um deles, olhar como quem contempla uma fotografia. Registros do tempo.

2 TEMPO E INTERPRETAÇÃO

Diferente da língua portuguesa, no grego, encontramos, pelo menos, duas palavras que nos remetem ao tempo: χρόνος (chronos) e καιρός (kairos). A primeira é utilizada quando o tempo em questão é o tempo linear, com início, meio e fim; enquanto que a segunda se usa para falar tanto do clima quanto de um mo-

¹ Psicanalista, membro Associado do CEPdePA.

mento oportuno, o momento correto para se tomar uma decisão ou agir. Ambas são oriundas de figuras mitológicas.

Chronos, ou Saturno, filho do Céu e da Terra, foi escolhido por sua mãe para aliviá-la dos tormentos e assédios sofridos pelo marido. Foi-lhe dado uma foice com a qual atacou o Céu em seus testículos, ceifando-os. Assim, Céu, o pai soberano, não poderia mais atormentar a vida da Terra e a paz no universo reinava. Chronos tornou-se o senhor de todo o Universo. Porém, uma maldição recaiu sobre si; uma voz ressoou enquanto dormia: “Do mesmo modo que usurpou o mando supremo, irá também um dia perdê-lo” (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003, p. 14). Essa profecia passou a acompanhá-lo por toda a vida.

Quando sua irmã e esposa teve a primeira filha, Chronos devorou-a para evitar que a profecia se realizasse e que seus filhos fossem também revoltar-se contra si. Depois de Juno, engoliu também os próximos. Cansada de ter seus filhos devorados, Cibele protege o último rebento, Zeus, em uma caverna e entrega uma pedra para Chronos se deliciar. Depois de crescer, Zeus, disfarçado, entrega uma poção a Chronos que o faz regurgitar todos os filhos engolidos. Em revolta, Chronos convoca os Titãs para confrontarem Zeus e seus irmãos. Essa batalha foi batizada por Hesíodo de Titanomaquia. Os Deuses do Olimpo foram também convocados. A história se estende, mas podemos ficar por aqui. Conhecemos agora um pouco a história de Chronos, essa figura hirsuta, portadora de uma foice, que, da mesma forma que coloca no mundo, engole cada um dos seus rebentos. Essa figura é utilizada para se referir ao tempo cronológico, à passagem dos dias, à passagem da vida. Esse tempo de que sabemos o início e, portanto, compreendemos um final (FRANCHINI; SEGANFREDO, 2003).

Sobre a figura de Kairos, encontram-se poucos relatos, mas se sabe que, na entrada do Olimpo, há uma estátua sua, além de uma narrativa intitulada ‘Hino a Kairos’, que Íon de Quios escreveu nos idos de 700a.c. Kairos era um Deus alado tanto na espalda quando nos calcanhares, movia-se rapidamente entre os seus e levava um topete, apenas uma mecha de cabelo, na testa. Diz-se que Kairos era o tempo da oportunidade, do momento certo, do instante para se tomar uma decisão, já que, uma vez que tenha passado, não há como resgatá-lo. Por isso a franja na testa, pois só podemos agarrá-lo pela frente, quando vem na nossa direção. Do

contrário, uma vez que tenha ido, não há como agarrá-lo mais. Kairos não acompanha a linearidade de Chronos; desfruta do instante conforme a oportunidade de sua experiência. Kairos, portanto, pode ser compreendido como um tempo subjetivo, que diz respeito à compreensão que fazemos das experiências vividas, a exemplo de como Gauguin (2011, p. 36) vive e percebe o início do inverno: “A neve começa a cair, é o inverno”.

Das figuras mitológicas, herdamos a raiz para as palavras de nosso código. Difícil tarefa traduzir a experiência temporal. Aprendemos na escola que o tempo é mensurável e que o encontramos através da razão entre distância e velocidade, o que nos leva à passagem do tempo, ou seja, ao tempo como parte do deslocamento; daí também o período, o pulso, as oscilações na ondulatória etc. Tempo esse que é abordado desde sua linearidade e referência direta ao relógio, ao cronômetro. Difícil tarefa para o cientista, mensurar o tempo de Kairos, ou seu movimento. Empresa que Clarice Lispector (1999, p. 9) busca na sua escrita: “Quero escrever movimento puro.”. Como precisar o instante em que uma palavra termina para começar a outra, ou para definir quando um segundo termina para começar o próximo?

Interessante tornar substantivo algo que vive como um verbo, como uma ação, movimento. Não encontramos a substância do tempo, mas seus efeitos. A linearidade temporal diz respeito a estabelecer um ponto de início e, por conseguinte, um ponto final. Por isso a infinitude é um problema angustiante; porque compreendemos que qualquer coisa que inicia carrega consigo seu fim. Difícil imaginar a ausência de final quando consideramos no fundo do ser, um ponto de partida. Tempo não é algo que se perde, que se ganha, o tempo não é um objeto. Tempo é imanência.

“Os processos do sistema inconsciente são intemporais; isto é, não são orientados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo. A referência ao tempo vincula-se, mais uma vez, ao trabalho do sistema consciente.”. Não se percebe o eco dessas duas figuras gregas na palavra de Freud (1915, p. 214)? Nesse instante, aproximado, portanto, as dimensões temporais a Kairos e Chronos operando como dualidades de uma experiência psíquica: dessa forma, Kairos poderia estar para a atemporalidade do inconsciente, enquanto que Chronos para o trabalho do sistema consciente.

Em português, quando queremos saber do tempo, pedimos as horas, pedimos por essa substância horária que organiza a existência. Ao passo que, em línguas anglófonas, perguntamos pelo tempo. Em uma tradução rasa, pergunta-se qual ou que tempo é isso – *what time is it?* Ainda que a resposta conduza às horas, em uma leitura lenta, podemos encontrar uma pergunta menos objetiva: interrogar-se sobre a temporalidade das coisas; sentir vibrar o tempo do mundo em uma interrogação temporal. Aquele que medita em frente ao relógio poderia viver, nessa pergunta, mais do que uma busca exata pela métrica linear, mas uma interrogação existencial. Quer saber em si em que tempo está vivendo. Que resposta dar para alguém que nos pergunta “quando termina uma sessão de análise?” Ou, até mesmo, “quando foi que nasci?” Há uma diferença sensível entre perguntar pelas horas, e perguntar ‘quando?’. ‘Quando?’ invoca no Outro sua temporalidade. ‘Quando?’ é uma pergunta que carrega consigo uma interrogação ao Outro, como se, ao querer saber do tempo, também se perguntasse pelo desejo: ‘*che voi?*’. E, ao interrogar o desejo do Outro, entra-se no campo da linguagem.

Perguntas que se expandem para o imenso do universo, buscando encontrar em sua cogitação o eixo temporal para balizar uma existência. Mas a língua lusitana nos habitua a procurar pelas horas. De modo que, frente a uma pergunta como ‘quando foi que nasceste?’, precipitamo-nos a dizer uma data precisa, cedendo à máquina engolidora de Chronos. Desse modo, busca-se, na certeza do Outro, o unguento para a dúvida. Chronos sabe quando, mas sua verdade é insuportável. Verdade que não se quer saber. O tempo – é lógico – coloca-se diante de nós e nos faz estranhar a lógica que buscamos nele; estranhar essa necessidade de atribuir um sentido aos ritmos, medir suas pausas, calcular sua extensão e estabelecer relações coerentes. Mas, se pararmos para meditar mais profundamente, como responder essa pergunta? Assim, somos levados a uma dimensão em movimento heraclitiana de ser no mundo, na qual a experiência não se repete, em que o tempo é sempre presente. Difícil abrir as portas para o tempo como passagem, para o tempo desprovido de mesura. Mas a escuta nos convoca a dar tempo ao tempo, ouvir lento a fala do outro.

Freud, no mesmo ano em que escreve ‘Luto e melancolia’ (1917 [1915]), publica uma breve reflexão ‘Sobre a transitoriedade’ (1916 [1915]). Conta-nos

que, durante uma caminhada entre amigos, percebe um deles, um poeta, num tom entristecido ao meditar sobre a brevidade da vida. “Uma flor que dura apenas uma noite nem por isso parece menos bela.”, diz Freud (1916 [1915], p. 346), ao poeta, tentando aliviá-lo de seu sofrimento. Porém, sua tentativa não foi suficiente para aplacar a dor que outro vivia. Surpreso com a reação de seu interlocutor, escreve que “O valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo.” (FREUD, 1916 [1915], p. 345). Quanto lirismo na meditação freudiana que nos revela o que há de sublime na finitude. “A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto.” (FREUD, 1916 [1915], p. 346). Freud faz um elogio à finitude sem perceber a poesia presente em suas meditações. Mas o poeta está inconsolável.

“[...] a beleza da natureza, cada vez que é destruída pelo inverno, retorna no ano seguinte, de modo que, em relação à duração de nossas vidas, ela pode de fato ser considerada eterna.” (FREUD, 1916 [1915], p. 345-346). Evoca o tempo cíclico e coloca em seu centro a eternidade da natureza. “A ideia de que toda essa beleza era transitória comunicou a esses dois espíritos sensíveis uma antecipação de luto pela morte dessa mesma beleza [...]” (FREUD, 1916 [1915], p. 346). Não era a flor que morreria, mas o prenúncio da morte da própria experiência daquele que a contempla. A flor que morre vive na tristeza do poeta. Vão-se as pétalas, mas não seu cheiro, o que há de éter no universo da memória. Chronos, senhor do tempo, leva-nos à morte. Mas qual será o tempo que cura todas as feridas? Seria o mesmo que, transformado em flor decadente, encara o poeta nos olhos e lembra-o da ferida incurável da vida? No ritmo poético do jogo entre morte e vida, encontramos o movimento, os ciclos que nos fazem, de alguma forma, ludibriar as investidas mortíferas de Chronos, abordagem freudiana que rima com as meditações de Bachelard (2001, p. 106): “Só se morre uma vez. Mas, psicologicamente, conhecemos nascimentos múltiplos.”; que, por sua vez, continuam na palavra de Freud (1916 [1915], p. 346): “[...] o valor de toda essa beleza e perfeição é determinado somente por sua significação para nossa própria vida emocional, não precisa sobreviver a nós, independentemente, portanto, da duração absoluta.”.

Freud estava atento à vida emocional de seu companheiro de caminhada. Vida emocional que leva as pessoas a buscar análise. O analista, por sua vez, é aquele que ouve, a seu tempo, o que é do tempo do outro. Bachelard (2001) chama-nos a atenção para fazer o que nomeou de uma leitura lenta, toda vez que estivermos diante dos textos de um poeta. Uma leitura que permite apreender e conduz o leitor ao que há de profundo em si desde aquilo que encontra de profundo no texto com o qual se depara. Não seria também o caso de pensar a velocidade da escuta? Fazer uma escuta lenta e, dessa forma, alentar a palavra. Escuta lenta de cada significante, cada letra, tomada ao pé da letra, como nos diz Lacan, para que algo possa advir. Extensão da palavra. Extensão do texto. Pausa. A escuta se transfigura na dimensão do olhar.

Os olhos trabalham em sincronia na tentativa de apreender pelas luzes aquilo que as sombras denunciam. Cada olho serve para uma visão. Eis que, ao deitar os olhos em alguma imagem, o olho, que vê, a partir das dimensões extensivas, mensuráveis, que percebe as cores e o que é de material do corpo visto, trabalha ao mesmo tempo em que o outro olho, que sente, que percebe algo que está para além daquilo que se pode ver, medir, ou dizer. Um olho vê, e o outro sente, diria Paul Klee. Daí, permuta a imagem para os órgãos da audição, que também, como os olhos, laboram aos pares. Um ouvido ouve, o outro escuta, poder-se-ia dizer. Aquele que ouve aprecia a extensão sonora, audível da fonética do que está sendo vocalizado. É o receptáculo das vibrações que emanam desde as pregas vocais do interlocutor. O outro, o que escuta, atenta ao silêncio, àquilo que a fonética não é capaz de exprimir, à sensibilidade que, na sombra do som audível, faz ressoar o que se cala, o que não se sabe dizer. Esse encontro entre escutar e ouvir é possível na língua italiana onde o mesmo verbo serve para os dois usos, a saber, o verbo *sentire*. Em italiano, se é capaz de condensar o que é do ouvido que ouve e do ouvido que sente ao se colocar a ouvidos para o outro.

Quando lemos, de quem é a voz que escutamos acompanhar a leitura? Uma voz silente que prescinde de ondulações externas, que não precisa fazer vibrar o tímpano. Voz presente. Uma voz que sussurra o verbo na leitura, uma voz que provém dos olhos, uma voz do olhar; um olhar que escuta. Aqui não precisamos distinguir essas funções. Ou nos alicerçarmos no que diz respeito ao órgão de

audição ou visão, o olho e o ouvido se confundem e produzem o mesmo efeito sensível. Entregar-se àquilo que emana desde a interioridade e deixar que o que vem de dentro encontre-nos desde fora. Escuta lenta que acompanha a fala. Escuta que prescinde de horário. Silêncio. Escuta que nos remete ao tempo da poesia. Tempo que Bachelard (1994) chama de tempo poético. Para o filósofo:

[...] há três ordens de experiência sucessivas das quais deve se desprender o ser acorrentado no tempo horizontal:

1º - habituar-se a não referir seu próprio tempo ao tempo dos outros – romper os quadros sociais da duração;

2º - habituar-se a não referir seu próprio tempo ao tempo das coisas – romper os quadros fenomenais da duração;

3º - habituar-se – duro exercício – a não referir seu próprio tempo ao tempo da vida – não saber se o coração bate, se a alegria impele – romper os quadros vitais da duração.

Somente, então, atinge-se a referência autosincrônica, o centro de si mesmo, sem vida periférica. Subitamente, toda a achatada horizontalidade se apaga. O tempo não corre mais. Jorra (BACHELARD, 1994, p. 185).

Tempo que sentimos ao sentir a água do rio corrente. Meandros que não se interrompem. Quando termina uma onda para começar a próxima? Como os matizes do entardecer enganam o observador agarrado em seu relógio de pulso. “[...] é ao poeta que compete o dever de ensinar-nos as impressões de leveza em nossa vida, a dar corpo a impressões quase sempre desprezadas.” (BACHELARD, 2001, p. 199).

A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante (LACAN, 1998b, p. 599).

A interpretação como efeito de corte, que atravessa enunciado e enunciação, faz emergir o que há de sincronia nessas correntes diacrônicas paralelas. Tempo vertical que carrega em si a profundidade e o imenso no ser fal(t)ante. Esse tempo vertical que, como Bachelard (1994) nos ensina, não segue medida. Em sua geometria, o tempo horizontal – diacrônico – é o tempo da prosódia, do encadeamento de significantes, tempo em que se insere uma palavra após a outra, seguindo a linearidade da frase; tempo que organiza sonoridades sucessivas; ao passo que o tempo vertical – sincrônico – é o tempo da poesia que engloba os opostos, tempo de uma relação harmônica entre os contrários. O filósofo indica-nos que um tempo não requisita o outro; os dois tempos nascem juntos.

Cada segundo, ou qualquer outro recurso que venha parametrizar o tempo, limita a experiência vivida a uma parcela objetiva e fechada para a experiência do ser. A sessão de análise não fica de fora, quando a princípio, arbitrariamente, estipula-se o limite métrico de minutos. Qual critério impera na escolha da extensão horária que durará uma sessão? Qualquer que seja, uma vez estipulado seu início e seu fim, a hora que começa e a hora que termina, limitamos a escuta para aquela célula temporária que se ajusta em uma tabela de horários previamente agendados. Esse tema nos conduz à questão do tempo, é lógico. Há quem diga que usar-se desse tempo é encurtar a sessão de análise a um período menor do que os comuns 45 ou 50 minutos convencionais e aceitos pela comunidade psicanalítica. Aí já deparamo-nos com um problema de lógica. Pois, na sombra dessa asserção, reside o referencial cronológico de 45 ou 50 minutos. Ou seja, ainda se considera uma referência linear e limitada a uma extensão horária.

Quantas vezes nos vemos convidados a demarcar referências temporais para que consigamos indicar um antes e um depois? Muitas vezes, a referência é o próprio momento em que se relata para uma supervisão, que se escreve, que se insere a narrativa nas margens da folha, ou a duração de uma conferência. O físico Heisenberg (1999) nos ensina, pelo princípio da incerteza, que, ao se definir o espaço onde está o elétron, não se consegue, ao mesmo tempo, dizer o tempo e vice-versa; ou seja, quando se estipula o período, não há como precisar a localização do elétron.

Todavia, a lógica temporal que Lacan (1998a) apresenta aproxima-se de uma temporalidade que desconhece a fome de Chronos. Tempo esse que Lacan desen-

volve a partir de um problema de lógica abordado no texto “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada – um novo sofisma” (LACAN, 1998a). Neste, três tempos são enunciados: instante de olhar, tempo de compreender e momento de concluir.

De maneira resumida, o instante de olhar é o tempo que se abre entre a observação e a conclusão. O tempo de compreender é “uma intuição pela qual o sujeito objetiva” (LACAN, 1998a, p. 205) algo mais do que aquilo que se pode apreender pelo olhar. Além disso, “supõe também um tempo de meditação” (LACAN, 1998a, p. 205) para se buscar no outro a chave para a conclusão. Lacan também demonstra uma dificuldade em se apoiar na objetivação do tempo. Interroga-se: “Mas desse tempo assim objetivado em seu sentido, como medir o limite?” (LACAN, 1998a, p. 205). Indica, em suas reflexões, que ambos – tempo de olhar e momento de compreender – podem durar a mesma extensão. “O tempo de compreender pode reduzir-se ao instante do olhar, mas esse olhar, em seu instante, pode incluir todo o tempo necessário para compreender” (LACAN, 1998a, p. 205). Essa abertura temporal conduz ao momento de concluir. Este manifesta-se dada a vacilação do tempo objetivado. Assim, o tempo de compreender ressurge em um modo subjetivo, tempo de demora, como se convocasse a uma apreciação lenta do tempo. Todavia, eis que a urgência para concluir se revela evidente na “penumbra subjetiva” (LACAN, 1998a, p. 206). O momento de concluir se expressa por uma antecipação; a precipitação de certeza é posta em dúvida. Eis que a conclusão passa a ecoar no movimento do outro.

O tempo lógico permite-nos pensar em uma temporalidade subjetiva vivida a partir da relação com o Outro. Este implica o sujeito interrogar sua certeza, como se perguntasse ao Outro ‘qual sua verdade’. Aqui me valho da ambiguidade desse pronome possessivo, em que a verdade refere tanto ao sujeito quanto ao Outro. O tempo lógico incita-nos a viver a temporalidade do sujeito, não a temporalidade de Chronos. Não é pelo badalar do relógio que se delinea o momento de concluir, tampouco cabe à objetivação. O tempo se abre em outro ritmo. Talvez o ritmo da oportunidade. Talvez seja Kairos quem carregue consigo o momento de concluir.

A apresentação desses três termos, por uma didática, necessariamente ocorre em uma dada linearidade, o que sugere uma ordem de prioridade entre cada um dos instantes apresentados. Isso evidencia a dificuldade que temos, não só de compreender a temporalidade lógica, que aproximamos de Kairos, mas também de apresentar ou expressar ela através da linguagem que nos é condicionada. É difícil estabelecer, desde uma cronologia, a extensão do tempo de compreender, da mesma forma a duração do momento de concluir, ou até mesmo do instante de olhar.

Durante a sessão psicanalítica, a intervenção do analista pode servir como algo que interfere, ou corta, o eixo imaginário do paciente, convidando, assim, que seus fantasmas venham à tona. Isso pode ser feito com uma pergunta ou com a repetição de uma palavra que o paciente usou, também ao colocar em evidência algum ato-falho no deslizar das palavras pela cadeia significante. Qualquer coisa que venha a cortar, quebrar o espelho narcísico e substituir a certeza imaginária por uma dúvida; algo que venha a colocar em questão a certeza antecipada do paciente. Pode ser que o momento de concluir, ou o *insight*, seja produzido em sessão; pode ser que aconteça fora da sessão. Ainda assim, estamos considerando a sessão psicanalítica como uma espacialidade inserida em uma linearidade cronológica. Todavia, se fizermos o exercício de pensar o encontro de sujeitos sem a referência temporal: quando começa e quando termina uma sessão? Já que aceitamos a atemporalidade do inconsciente, que diferença faz a cronologia da sessão? Coloco essas questões no intuito de trazer luz a esse personagem da mitologia grega, esse que nos faz viver o tempo fora do relógio. Jogando com tempo e espaço, poderia perguntar: onde começa a sessão psicanalítica?

O corte na sessão não se restringe a encerrar o encontro, mas em produzir uma marca, uma pontuação na fala, de modo que a intervenção do analista opere como uma vírgula que o paciente não teria colocado, ou como a retirada de uma vírgula que o paciente insiste em colocar. Dessa maneira, o discurso transforma-se, e outras compreensões tornam-se possíveis. O paciente usa algumas palavras para enunciar seu ser; quantas outras deixou de usar? Quão diferente teria sido o enunciado se uma palavra fosse omitida ou inserida? Que outros significados ou potências de sentido poderiam existir? Fim do diálogo.

Esse momento não acompanha a extensão temporal estabelecida por uma ordem burocrática desde muito conhecida pelos psicanalistas. Logo, não se apreende com 45 ou 50 minutos percorridos pelos ponteiros, conforme mencionado acima. O corte da sessão acompanha a cadeia significante do sujeito de modo a colocar uma dúvida naquilo que se apresenta como certeza. Assim, ao se questionar, o paciente é capaz de observar o movimento do Outro, para então concluir o seu.

Atrapalhamo-nos quando aproximamos essa compreensão de tempo a qualquer relação de poder. Nunca sabemos, a princípio, qual será o efeito da interpretação do analista. Esse lugar insciente é o que torce a escuta de modo a se ouvir o que o paciente diz. “[...] o que importa não é a convicção que ela [a interpretação] acarreta, já que melhor se reconhecerá seu critério no material que vier a surgir depois dela.” (LACAN, 1998b, p. 601). Quem sabe, esse tempo posterior pode ser o minuto, o dia, a semana, ou até um tempo de que nunca teremos notícia. Todavia, não há como precisar o que necessariamente vem depois da interpretação. Do caminho percorrido, tem-se notícia no momento em que se chega ao destino, não enquanto se está caminhando.

Aqui me ocorre pensar na relação do analista com a sua interpretação no sentido de lidar com a transitoriedade de sua fala, da relação com o paciente, e da dificuldade de lidar com a liberdade do outro. A experiência da alteridade coloca-nos a fazer também um luto pela interpretação que se faz. A palavra que vai ao mundo não retorna ao seu ponto de partida. Por vezes, somos o poeta moribundo que lamenta a morte da flor, por outras, o psicanalista que vê na impermanência a possibilidade de viver.

A interpretação fende o verbo. Incide sobre a palavra que defende o ser da falta. Abertura de significado. Quando podemos ler de novo aquilo que de novo se apresenta. E nesse advérbio temporal, a metáfora, condensação do que se repete e do que se inova. Fazer ouvir o que é novidade naquilo que insiste em se manter inaudito.

Difícil é a tarefa de exprimir a simultaneidade dessas experiências e produzir um enunciado que contemple o que é do poeta e o que é do psicanalista. A linguagem impede-nos de, ao se apoiar em palavras, produzir a verticalidade da experiência que se quer expressar. Em que dimensão estamos inseridos senão na dimensão da fala que faz, de fato, menção ao dito? Menção àquilo que foi audito

ou dito pelo Outro, aquilo que escapa. Ritmo do verbo que escorre. Quando *das Es* corre pelas entrelinhas das palavras. Como agarrar o tempo, quando também se é agarrado por ele? Tempo que vemos passar sem perceber que por ele também passamos e somos vistos de volta.

Mesmo que Kairos passe por nós e que o deixemos passar, Chronos não é capaz de engoli-lo. Sendo assim, há sempre outra chance para agarrá-lo pelos cabelos. A insistência da repetição permite que se fale de novo algum conteúdo, que se exprima outra vez a cadeia significante, dando margem para que alguma interpretação possa ser feita, tanto pelo analista quanto pelo paciente. O mesmo tempo que ceifa a vida de seus filhos é o tempo que os coloca no mundo. Kairos apresenta-se para que, de alguma maneira, possamos ludibriar a fome inesgotável do tempo, libertando-nos da prisão cíclica das horas.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. **As 100 melhores histórias da mitologia**. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2003.

FREUD, S. (1915). O inconsciente. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1916 [1915]). Sobre a transitoriedade. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 14).

FREUD, S. (1917 [1915]). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira, 14).

GAUGUIN, P. **Antes e depois (ideias e memórias)**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

HEISENBERG, W. **Física e filosofia**. Brasília: Humanidades, 1999.

LACAN, J. O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.